

FHC diz que Brasil não é mais o 'patinho feio'

E que tem posição privilegiada entre economias emergentes

Otávio Magalhães/AE

Rio - Em discurso de uma hora e meia, ilustrado com 22 gráficos e tabelas, o presidente Fernando Henrique Cardoso rejeitou ontem as críticas dos "falsos profetas" e traçou um quadro positivo do Brasil. "Alguns dizem que o País está de mal a pior, mas não é verdade. Pode não estar de mal a melhor, mas está de mal a menos mal, pelo menos", disse. O presidente reconheceu que a economia brasileira ainda está vulnerável a fatores externos. Comemorou, porém, o fato de as reservas não serem "compostas por *hot money*", mas principalmente por investimentos diretos ou empréstimos de longo prazo.

"O Brasil não é mais o patinho feio das economias emergentes e inclusive tem uma posição privilegiada entre estas economias", afirmou Fernando Henrique, ressaltando que "o País entrará no século XXI confiante em seu futuro, porque já não é uma nação isolada e está cada vez mais em harmonia com o mundo e seus vizinhos".

O presidente, que fez o discurso na abertura do 12º Fórum Nacional, na sede do BNDES, no Rio, para uma platéia de economistas, políticos e empresários, alertou para o fato de o Brasil ter de aumentar a sua capacidade de exportação. "Se não, vamos ter fragilidade externa", afirmou. Segundo Fernando Henrique, apesar da desvalorização do real, as exportações brasileiras cresceram porque o Brasil não sofreu consequências tão negativas quanto outros países que tomaram a mesma medida em relação a suas moedas.

Uma das tabelas apresentadas pelo presidente mostrou que as exportações aumentaram, apesar da queda de preços dos produtos no mercado interna-



Malan, que também discursou no BNDES, apontou dificuldades macro e microeconômicas

cional. As exportações totais, no primeiro trimestre deste ano, foram 34,5% maiores do que no mesmo período de 1997, embora o preço tenha diminuído 16,3%. O setor que mais cresceu foi o de manufaturados, com 39,6% a mais de exportações e 12% de diminuição do preço.

Apesar de criticar o pessimismo e a "fracassomania", o presidente fez questão de não dar a impressão de excesso de entusiasmo. Citou o político e pensador italiano Antonio Gramsci ao comentar que fazia um apanhado "realista e utópico, pois combina o ceticismo da razão com o necessário otimismo da vontade". E brincou: "Não se pode dormir nos louros, muito menos nós, que somos morenos, e não temos tantos louros assim".

Nas tabelas, havia várias comparações do Brasil de agora com o das décadas de 70 e 80 e

do início dos anos 90. Fernando Henrique mostrou alguns picos de prosperidade que combinaram com os planos Cruzado e Collor, mas lembrou que os índices sempre pioravam, porque não havia estabilidade duradoura. Uma das tabelas ressaltadas pelo presidente foi a de renda familiar anual per capita, em que 1998 aparece com o melhor resultado, de R\$ 3.440 por família. O menor resultado entre 1977 e o ano passado foi em 1983, com R\$ 2.146 de renda anual por família.

No setor social, o presidente mostrou a queda na mortalidade infantil e do analfabetismo, além do aumento do percentual de crianças que estudam.

Fernando Henrique rejeitou o senso comum de que os anos 80 e 90 foram décadas perdidas. "Não há razão para o País perder o ânimo. Nas duas últimas déca-

das, houve continuidade da tendência de crescimento". Quando falou dos índices de emprego, "o dado mais preocupante", reconheceu, o presidente procurou buscar aspectos positivos das pesquisas mais recentes. "De outubro de 1999 em diante começou a haver criação líquida de empregos", declarou. "Não há ainda diminuição na taxa de desemprego, porque depende da oferta", admitiu. "Não pensem que me contento com isso, mas estamos em uma rota de crescimento do País".

Na primeira fila do auditório do BNDES, o economista Celso Furtado, que recebeu das mãos de Fernando Henrique o título de Grande Benemérito do Fórum Nacional, considerou o discurso do presidente muito otimista. "Ele tem obrigação de criar otimismo; eu sempre fui realista", afirmou.